



O TÉRMO DA VIDA


QUANDO Deus criou o mundo e quis determinar a tôdas as criaturas o térmo da vida de cada um, apresentou-se-lhe o burro e perguntou:

— Senhor, quanto tempo viverei?

— Trinta anos, — respondeu o Senhor; — está bem?

— Ah, Senhor, — volveu o burro, — é muito tempo! Pensai na minha vida, árdua e penosa; desde manhã até à noite, todos os dias, tenho que carregar enormes pesos, arrastar sacas de grãos ao moinho para que os outros tenham o pão para comer e, como único estímulo e recompensa, só recebo pancadas e pontapés! Por favor, reduzi uma parte dêsse longo tempo!

Compadecendo-se do pobre burro, Deus reduziu-lhe dezoito anos. Assim confortado, o burro foi-se embora mais animado e, logo depois, apresentou-se o cão.



— Quanto tempo desejas viver? — perguntou-lhe o bom Deus: — ao burro dei trinta anos, para êle pareceram-lhe demais; creio, porém, que tu ficarás contente!

— Senhor, — retorquiu o cão, — é essa a vossa vontade? Pensai quanto terei de correr! Os meus pés não agüentarão tanto tempo! E se vier a perder a voz para latir e os dentes para morder, que mais me restará a fazer senão andar rosnando de um canto para outro?

Deus achou que êle tinha razão e reduziu-lhe doze anos. Em seguida, apresentou-se o macaco perguntando a mesma coisa.

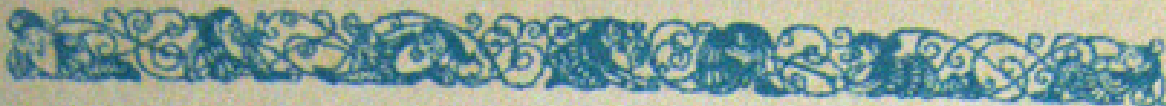
— Tu, com tôda a certeza, gostarás de viver trinta anos! — disse-lhe Deus, — não precisas trabalhar tanto como o burro e o cão e estás sempre satisfeito!

— Assim parece, Senhor, mas não é; — respondeu o macaco. — Quando chove o maná falta-me a colher. Sou obrigado a fazer sempre momices e caretas para divertir os outros e a maçã que porventura me oferecem tem sabor muito azêdo quando a como. Quantas vêzes, o gracejo oculta a mágoa! Não, Senhor, não poderei resistir durante trinta anos.

Deus apiedou-se dêle e reduziu-lhe dez anos. Por último apareceu o homem; estava alegre, sadio e bem disposto; pediu a Deus que determinasse o prazo de sua existência.

— Viverás trinta anos, — disse o Senhor; — achas bastante?

— Que existência breve! — exclamou o homem. — Quando tiver construído a casa e no fogão crepitarem alegremente as chamas, as árvores que plantei produzirem flores e frutos, eu me alegrarei pensando que irei gozar de todos êsses benefícios e então expira o meu prazo e



terei de morrer! Ó Senhor, prolongai um pouco mais a minha vida!

— Pois bem, — respondeu-lhe o Senhor, — dar-te-ei mais os dezoito anos que deduzi do burro!

— Não bastam ainda! — replicou o homem.

— Terás mais doze anos deduzidos do cão!

— É sempre muito pouco.

— Bem, — tornou Deus; — acrescentarei também os dez anos deduzidos ao macaco, porém nem mais um.

O homem foi-se, contudo não estava satisfeito.

Assim, pois, o homem vive setenta anos. Os primeiros trinta são os anos humanos e passam depressa: êle é sadio, alegre, trabalha com boa disposição e sente-se feliz de estar no mundo. Depois vêm os dezoito anos do burro, os quais lhe impõe uma carga após outra: tem de carregar o trigo que alimentará os outros e, como recompensa pelo seu trabalho, receberá as pancadas e os pontapés. Em seguida, vêm os doze anos do cachorro; êle é relegado para o canto, e só pode rosnar uma vez que não tem mais dentes para morder. E, passado o tempo do cachorro, os últimos dez anos são a conclusão da sua vida: então perde a memória, fica tolo, só faz bobagens e torna-se alvo da caçoada geral.